

A narrativa como escrita dos trabalhos em Construcionismo Social

Michel Euclides Bruschi/PUCRS - Bolsista CNPq
e-mail: micbeat@hotmail.com

Neuza Maria de Fátima Guareschi/PUCRS
e-mail: nmguares@puhrs.br

Resumo

Este trabalho tem como objetivo mostrar que os trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social em Psicologia Social podem utilizar a narrativa na sua escrita para dar conta de uma realidade que é tomada como uma construção social, sem deixarem de produzir saberes científicos e de perder legitimidade. Sendo a construção social uma dinâmica que não acaba jamais (Íñiguez, 2002), a narrativa é uma alternativa de expressar através de palavras esta realidade, pois tem como característica essencial ser um guia sensível à fluída e variável realidade humana. As formas da narrativa, como mostram Brockmeier e Harré (2003), são constelações transitórias (flutuantes) de formas de vida que são melhor entendidas de acordo com uma concepção de estrutura como padrões fluidos de ação e posicionamento.

As questões teóricas apresentadas neste trabalho acabam por, através da narrativa, aproximar a Psicologia Social da arte da Literatura. Isto não é por acaso, pois a ciência de orientação construcionista tem como um de seus objetivos mostrar que realidades consideradas naturais são construções sociais. E a desnaturalização destas realidades só ocorrerá com um re-narrar, que pode ser tanto da ciência quanto da arte, mostrando que uma outra construção de realidade é possível. Como defende Bruner (1997b), devemos criar uma nova geração que aprecie o fato de que muitos mundos são possíveis e de que o significado e a realidade são criados e não descobertos. A negociação é a arte de construir novos significados pelos quais os indivíduos podem regular suas relações uns com os outros.

Edgar Morin (Moscovich, 2003) afirmou em entrevista ao jornal Zero Hora que considera que na literatura, sobretudo nas obras-primas, encontramos a sabedoria da humanidade. O sociólogo francês destaca que há disciplinas que repartem o mundo em pequenas partes, mas que a literatura, mesmo não sendo uma disciplina, mostra o que as

ciências humanas não podem. Morin enfatiza que a literatura mostra a existência subjetiva de uma pessoa, o que nela há de individual e exclusivo em instâncias que vão do amor ao ódio. Por isso, quando se tem contato com a literatura se alcança uma compreensão que não se alcança na vida cotidiana.

Também em entrevista a um jornal brasileiro, desta vez a Folha de São Paulo (Pallares-Burke, 2003), um outro pensador, Zygmunt Bauman, relata que seus professores na Polônia de Filosofia Social e de Sociologia consideravam os romancistas e poetas seus parceiros de armas e não competidores ou antagonistas. Bauman afirma que aprendeu a considerar a Sociologia como uma daquelas numerosas narrativas, de muitos estilos e gêneros, que recontam, após terem primeiramente processado e reinterpretado, a experiência humana de estar no mundo. Para este sociólogo, a tarefa destas narrativas é oferecer um *insight* mais profundo na maneira como essa experiência foi construída e pensada e, com isso, ajudar os seres humanos na batalha pelo controle de seus destinos individuais e coletivos.

Comparando os trabalhos dos romancistas com os dos sociólogos profissionais, Bauman afirma que fora dos muros da Academia, os primeiros desfrutam de uma liberdade que é negada aos segundos, pois estes têm seus trabalhos avaliados pela conformidade destes com os procedimentos que definem e distinguem a profissão, e não por sua relevância humana. O intelectual polonês ressalta ainda que os dois cientistas sociais da modernidade realmente interessantes, Karl Marx e George Simmel, tinham como característica comum serem *free-lancers* e nunca terem ensinado nas universidades. Para Bauman, a maior vantagem da narrativa dos romancistas é que ela se aproxima mais da experiência humana do que a maioria dos trabalhos das ciências sociais. Por isso, elas são capazes de reproduzir a não-determinação, a não-finalidade, a ambivalência obstinada e insidiosa da experiência humana e ambigüidade de seu significado (Pallares-Burke, 2003).

Brockmeier e Harré (2003) concordam com Bauman e argumentam que a ficção mostra que a mente, em alguns casos, pode ultrapassar seus próprios limites e pode ver significados como possibilidades de ação e opções de conduta. Os romances seriam um meio de explorar o mundo possível e o mundo real. Para estes autores, a literatura rompe os horizontes estabelecidos pelo costume, pela rotina, ignorância, e letargia (e com frequência, pelo discurso científico da Psicologia), os quais se inscreveram em nossa vida cotidiana.

Jean-François Lyotard, no livro *A condição pós-moderna* (2000), discute a questão do saber científico e do saber narrativo. Para o autor, o saber científico é uma espécie de discurso, mas não é o único. O paralelismo da ciência com o saber não científico (narrativa) faz compreender que a existência da primeira é tão necessária quanto a da segunda. Não se poderia assim julgar nem sobre a existência nem sobre o valor do narrativo a partir do científico, nem o inverso, porque os critérios pertinentes não são os mesmos para um ou outro.

Por isso, este trabalho não propõe a substituição de um saber pelo outro, mas defende a idéia do uso da narrativa na escrita dos trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social em Psicologia Social para dar conta de uma realidade que é tomada como uma construção social, sem deixarem de produzir saberes científicos e de perder legitimidade. Eva Lakatos e Marina Marconi (1991) acrescentam que o saber científico diferencia-se dos outros saberes mais pelo seu contexto metodológico do que propriamente pelo seu conteúdo. Como a utilização da narrativa na escrita não implica em eliminar a metodologia, os trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social não deixarão de produzir saberes científicos.

Estes trabalhos, pelo contrário, ganharão em legitimidade, pois, para Lyotard (2000), a ciência precisa da narrativa para se legitimar. O saber científico não pode saber e fazer saber que ele é o verdadeiro saber sem recorrer ao outro saber, o relato. É importante ressaltar que o filósofo entende que o pós-moderno dispensa a metanarrativa e a substitui por uma multiplicidade de narrativas finitas que rejeitam a pretensão à universalidade. O Construcionismo Social vai se interessar justamente pela construção social destas múltiplas narrativas, dentro de uma especificidade histórica e cultural.

A idéia deste projeto não é que o psicólogo social faça literatura, pois isto seria apenas uma troca de profissão e não provocaria uma mudança na maneira de se fazer Psicologia Social, que é uma das metas da realização deste trabalho. A proposta é usar uma das ferramentas da literatura, a narrativa, na escrita dos trabalhos da perspectiva do Construcionismo Social. Se isto ocorrer, pode ser o início de um caminho de flexibilização da Academia. Spink (2003) argumenta que este processo é necessário, porque nossos estilos acadêmicos de narrar estão ainda muito presos aos pressupostos científicos pre-construcionistas e precisamos estar preparados para abrir mão da estrutura e estilos

convencionais das dissertações, teses, artigos e apresentações. Quem sabe com esta mudança, ao contrário do que Bauman falou, não precisemos sair das universidades para sermos cientistas sociais interessantes e os nossos trabalhos acadêmicos se aproximem mais da experiência humana. Este é um grande desafio, mas é uma tentativa de fazer algo novo, de construir uma outra realidade possível na Psicologia Social.

Eixo temático: Outros

1. A narrativa na literatura e na academia

Este trabalho tem como objetivo mostrar que os trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social em Psicologia Social podem utilizar a narrativa na sua escrita para dar conta de uma realidade que é tomada como uma construção social, sem deixarem de produzir saberes científicos e de perder legitimidade. Sendo a construção social uma dinâmica que não acaba jamais (Íñiguez, 2002), a narrativa é uma alternativa de expressar através de palavras esta realidade, pois tem como característica essencial ser um guia sensível à fluída e variável realidade humana. As formas da narrativa, como mostram Brockmeier e Harré (2003), são constelações transitórias (flutuantes) de formas de vida que são melhor entendidas de acordo com uma concepção de estrutura como padrões fluidos de ação e posicionamento.

As questões teóricas apresentadas neste trabalho acabam por, através da narrativa, aproximar a Psicologia Social da arte da Literatura. Isto não é por acaso, pois a ciência de orientação construcionista tem como um de seus objetivos mostrar que realidades consideradas naturais são construções sociais. E a desnaturalização destas realidades só ocorrerá com um re-narrar, que pode ser tanto da ciência quanto da arte, mostrando que uma outra construção de realidade é possível. Como defende Bruner (1997b), devemos criar uma nova geração que aprecie o fato de que muitos mundos são possíveis e de que o significado e a realidade são criados e não descobertos. A negociação é a arte de construir novos significados pelos quais os indivíduos podem regular suas relações uns com os outros.

Edgar Morin (Moscovich, 2003) afirmou em entrevista ao jornal Zero Hora que considera que na literatura, sobretudo nas obras-primas, encontramos a sabedoria da humanidade. O sociólogo francês destaca que há disciplinas que repartem o mundo em pequenas partes, mas que a literatura, mesmo não sendo uma disciplina, mostra o que as ciências humanas não podem. Morin enfatiza que a literatura mostra a existência subjetiva de uma pessoa, o que nela há de individual e exclusivo em instâncias que vão do amor ao ódio. Por isso, quando se tem contato com a literatura se alcança uma compreensão que não se alcança na vida cotidiana.

Também em entrevista a um jornal brasileiro, desta vez a Folha de São Paulo (Pallares-Burke, 2003), um outro pensador, Zygmunt Bauman, relata que seus professores na Polônia de Filosofia Social e de Sociologia consideravam os romancistas e poetas seus parceiros de armas e não competidores ou antagonistas. Bauman afirma que aprendeu a considerar a Sociologia como uma daquelas numerosas narrativas, de muitos estilos e gêneros, que recontam, após terem primeiramente processado e reinterpretado, a experiência humana de estar no mundo. Para este sociólogo, a tarefa destas narrativas é oferecer um *insight* mais profundo na maneira como essa experiência foi construída e pensada e, com isso, ajudar os seres humanos na batalha pelo controle de seus destinos individuais e coletivos.

Comparando os trabalhos dos romancistas com os dos sociólogos profissionais, Bauman afirma que fora dos muros da Academia, os primeiros desfrutaram de uma liberdade que é negada aos segundos, pois estes têm seus trabalhos avaliados pela conformidade destes com os procedimentos que definem e distinguem a profissão, e não por sua relevância humana. O intelectual polonês ressalta ainda que os dois cientistas sociais da modernidade realmente interessantes, Karl Marx e George Simmel, tinham como característica comum serem *free-lancers* e nunca terem ensinado nas universidades. Para Bauman, a maior vantagem da narrativa dos romancistas é que ela se aproxima mais da experiência humana do que a maioria dos trabalhos das ciências sociais. Por isso, elas são capazes de reproduzir a não-determinação, a não-finalidade, a ambivalência obstinada e insidiosa da experiência humana e ambigüidade de seu significado (Pallares-Burke, 2003).

Brockmeier e Harré (2003) concordam com Bauman e argumentam que a ficção mostra que a mente, em alguns casos, pode ultrapassar seus próprios limites e pode ver

significados como possibilidades de ação e opções de conduta. Os romances seriam um meio de explorar o mundo possível e o mundo real. Para estes autores, a literatura rompe os horizontes estabelecidos pelo costume, pela rotina, ignorância, e letargia (e com frequência, pelo discurso científico da Psicologia), os quais se inscreveram em nossa vida cotidiana.

Peter Spink (2003) leva esta discussão para ainda mais perto da Psicologia Social, pois argumenta que a ciência é uma maneira de narrar. Para ele, muito do que chamamos ciência, em especial as ciências sociais e a Psicologia Social, é a re-textualização do outro. "O re-narrar acadêmico é o escrito do narrar oral, da conversa, da visita, do material, da materialidade, dos achados e perdidos" (Spink, 2003, p. 38). Dentro desta perspectiva de re-contar ou re-narrar construções sociais, como estruturar trabalhos acadêmicos que não seguem o caminho ortodoxo, dentro dos padrões tradicionais da Academia? A utilização da narrativa na escrita destes trabalhos pode ser a solução para este problema.

2. O Construcionismo Social e a narrativa

Lupicinio Íñiguez (2002) defende que uma pesquisa para ser considerada construcionista deve possuir algumas características, mesmo acreditando que nenhum trabalho reúna todas. A primeira é que deve questionar as verdades acatadas e a forma pela qual nos ensinaram a olhar para nós mesmos. A segunda é que o conhecimento tem uma história e uma cultura específica e particular. A terceira é que o conhecimento sempre é resultado de uma construção coletiva. Por último, este conhecimento é inseparável da ação social. Mas o que difere um ponto de vista convencional na Psicologia Social de um ponto de vista construcionista?

Para este autor, são sete os pontos que diferenciam claramente uma visão da outra: o antiessencialismo, o anti-realismo, a especificidade histórica e cultural do conhecimento, considerar a linguagem uma condição prévia ao pensamento, considerar a linguagem como uma forma de ação social, a importância que se dá à interação entre as práticas sociais e a importância dada aos processos. Esta última traz consequências metodológicas e leva Íñiguez (2002) concluir que se deve substituir as formas clássicas ou convencionais de abordagem, com base em experimentos e em práticas de grupo ou entrevistas, porque quase nenhuma destas metodologias se adapta às características da orientação construcionista.

Não são apenas as metodologias tradicionais que já não servem mais para as investigações construcionistas, mas também o tipo de escrita comumente usada nos trabalhos acadêmicos. Este problema está implícito no próprio conceito de Construcionismo Social. A construção social não é uma espécie de metáfora arquitetônica. Não é como um prédio, que uma vez construído fica ali e nada acontece com ele. Ela está permanentemente se construindo. Não cessa nunca de se construir. É uma dinâmica que não acaba jamais: se acabar, desaparece a construção (Gergen apud Íñiguez, 2002).

Afinal, como escrever sobre algo que está constantemente em construção, sem engessá-lo, sem torná-lo um prédio? A narrativa pode ser uma alternativa para solucionar esta dificuldade de quem trabalha numa perspectiva construcionista. Jerome Bruner (1997b) explica que existem dois modos de funcionamento cognitivo, o argumento e a narrativa, que fornecem diferentes modos de ordenamento de experiência e de construção da realidade. Além disso, a estrutura de um argumento lógico bem formado é diferente daquela de uma histórica bem contada e os tipos de causalidades dos dois modos também divergem.

Na proposição lógica: "se x, então y" e, na frase narrativa: "O rei morreu, e então a rainha morreu", o termo então funciona de maneira diferente em cada exemplo: no primeiro, busca as condições de verdades universais, já no segundo, busca condições particulares prováveis entre dois eventos (Bruner, 1997b). Esta procura pelas questões particulares de um fenômeno por parte da narrativa satisfaz a característica de especificidade histórica e cultural do conhecimento produzido pela abordagem construcionista. "O modo narrativo leva a conclusões não sobre certezas num mundo primitivo, mas sobre as diversas perspectivas que podem ser construídas para tornar a experiência compreensível" (Bruner, 1997b, p. 40).

Esta especificidade histórica e cultural do construcionismo é que faz com que a sua visão de realidade seja de uma em constante construção social. Jens Brockmeier e Rom Harré (2003) defendem que as opções exploratórias e experimentais da narrativa estão diretamente relacionadas com a nossa realidade transitória, com a realidade material fluida e simbólica de nossas ações, mentes e vidas. Além disso, esta visão de narrativa não se direciona apenas para os mundos literários de imaginação e fantasia como opostos ao mundo da realidade ordinária (a visão do senso comum). Sendo assim, a narrativa dá conta

das duas características do construtivismo que mais dificultam a sua escrita: a especificidade histórica e cultural do conhecimento e sua construção constante.

Apesar da longa tradição do estudo da narrativa na teoria literária e na lingüística, o interesse pelo tema nas Ciências Humanas é recente. Foi na década de 1980 que vários autores (Bakhtin, 1981, 1986; Bauman, 1986; Britton e Pellegrini, 1990; Bruner, 1997a, 1997b - originais, respectivamente, de 1990 e 1986; Mitchell, 1981; Nelson, 1989; Ricoeur, 1981, 1984/1985; Sarbin, 1986; Schafer, 1989) perceberam que as histórias orais e escritas são um parâmetro lingüístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental na busca por respostas sobre a natureza e as condições de nossa existência.

Brockmeier e Harré (2003) destacam que o grande número de novas investigações sobre a narrativa não é apenas de trabalhos com um novo objeto de estudo, mas, principalmente, de uma nova abordagem teórica, de um novo gênero de Filosofia da Ciência, chamado *virada narrativa*. Este crescente interesse pelo estudo da narrativa abre caminho para um novo paradigma, prometendo mais do que um novo modelo lingüístico, semiótico e cultural. Na Psicologia e nas outras Ciências Humanas, a *virada narrativa* faz parte das transformações que se seguiram à crise do conhecimento moderno.

A crítica à filosofia positivista está permitindo novas possibilidades para as investigações interpretativas que se concentram nas formas de vida social, discursiva e cultural, em oposição à busca por leis do comportamento humano. Diante destas mudanças, a narrativa tem atraído a atenção de muitos pesquisadores. Bruner (1997a) afirma que a *virada narrativa* teve alguns efeitos surpreendentes, entre eles, deu novas forças a já forte rejeição da universalidade da chamada concepção ocidental de personalidade. Para ele, a universalidade não é tão óbvia quando a narração de histórias é invocada, pois as histórias são muitas e variadas, enquanto a razão tem uma lógica limitada e única.

3. A questão da legitimidade e a tentativa de fazer algo novo

Jean-François Lyotard, no livro *A condição pós-moderna* (2000), discute a questão do saber científico e do saber narrativo. Para o autor, o saber científico é uma espécie de discurso, mas não é o único. O paralelismo da ciência com o saber não científico (narrativa) faz compreender que a existência da primeira é tão necessária quanto a da segunda. Não se

poderia assim julgar nem sobre a existência nem sobre o valor do narrativo a partir do científico, nem o inverso, porque os critérios pertinentes não são os mesmos para um ou outro.

Por isso, este trabalho não propõe a substituição de um saber pelo outro, mas defende a idéia do uso da narrativa na escrita dos trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social em Psicologia Social para dar conta de uma realidade que é tomada como uma construção social, sem deixarem de produzir saberes científicos e de perder legitimidade. Eva Lakatos e Marina Marconi (1991) acrescentam que o saber científico diferencia-se dos outros saberes mais pelo seu contexto metodológico do que propriamente pelo seu conteúdo. Como a utilização da narrativa na escrita não implica em eliminar a metodologia, os trabalhos acadêmicos da perspectiva do Construcionismo Social não deixarão de produzir saberes científicos.

Estes trabalhos, pelo contrário, ganharão em legitimidade, pois, para Lyotard (2000), a ciência precisa da narrativa para se legitimar. O saber científico não pode saber e fazer saber que ele é o verdadeiro saber sem recorrer ao outro saber, o relato. É importante ressaltar que o filósofo entende que o pós-moderno dispensa a metanarrativa e a substitui por uma multiplicidade de narrativas finitas que rejeitam a pretensão à universalidade. O Construcionismo Social vai se interessar justamente pela construção social destas múltiplas narrativas, dentro de uma especificidade histórica e cultural.

A idéia deste trabalho não é que o psicólogo social faça literatura, pois isto seria apenas uma troca de profissão e não provocaria uma mudança na maneira de se fazer Psicologia Social, que é uma das metas da realização deste trabalho. A proposta é usar uma das ferramentas da literatura, a narrativa, na escrita dos trabalhos da perspectiva do Construcionismo Social. Se isto ocorrer, pode ser o início de um caminho de flexibilização da Academia. Spink (2003) argumenta que este processo é necessário, porque nossos estilos acadêmicos de narrar estão ainda muito presos aos pressupostos científicos pre-construcionistas e precisamos estar preparados para abrir mão da estrutura e estilos convencionais das dissertações, teses, artigos e apresentações. Quem sabe com esta mudança, ao contrário do que Bauman falou, não precisemos sair das universidades para sermos cientistas sociais interessantes e os nossos trabalhos acadêmicos se aproximem mais

da experiência humana. Este é um grande desafio, mas é uma tentativa de fazer algo novo, de construir uma outra realidade possível na Psicologia Social.

Referências bibliográficas

- 1 BAKHTIN, Mikhail. *The dialogic imagination*. Holquist Austin: University of Texas Press, 1981.
- 2 BAKHTIN, Mikhail. *Speech genres and other late essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- 3 BAUMAN, Richard. *Story, performance, and event: Contextual studies of oral narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- 4 BRITTON, Bruce K., PELLEGRINI, Anthony D. (orgs.). *Narrative thought and narrative language*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1990.
- 5 BROCKMEIER, Jens, HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 16. n. 3, p. 525-535, 2003.
- 6 BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.
- 7 BRUNER, Jerome. *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997b.
- 8 ÍÑIGUEZ, Lupicio. Construcionismo Social e Psicologia Social. In: MARTINS, João B., HAMMOUTI, Nour-Din El, ÍÑIGUEZ, L. *Temas em análise institucional e em construcionismo social*. São Carlos: RIMA - Fundação Araucária, p. 127-156, 2002.
- 9 LAKATOS, Eva M., MARCONI, Marina de A. *Metodologia científica*. 2.ed. São Paulo: Atlas, 1991.
- 10 LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. 6.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- 11 MITCHELL, W. J. T. (org.) *On narrative*. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- 12 MOSCOVICH, Cíntia. A literatura contém toda a sabedoria da humanidade. *Zero Hora*, Porto Alegre, 28 ago, 2003.
- 13 NELSON, Katherine (org.). *Narratives from the crib*. Cambridge: Harvard University Press, 1989.

- 14 PALLARES-BURKE, Maria L. G. A sociedade líquida. *Folha de São Paulo, Mais!*, São Paulo, 19 out., 2003.
- 15 RICOEUR, Paul. *Narrative and time* (Vols. 1-2). Chicago: University of Chicago Press, 1984/1985.
- 16 SARBIN, T. R. (org.). *Narrative psychology: The storied nature of human conduct*. New York: Praeger, 1986.
- 17 SCHAFER, R. Narratives of the self. In: COOPER, Arnold. M., KERNBERG, Otto. F., PERSON, Ethel. S. (orgs.), *Psychoanalysis towards the second century*. New Heaven: Yale University Press, p. 153-167, 1989.
- 18 SPINK, Peter. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo: ABRAPSO, v. 15, n. 2, p. 18-42, 2003.